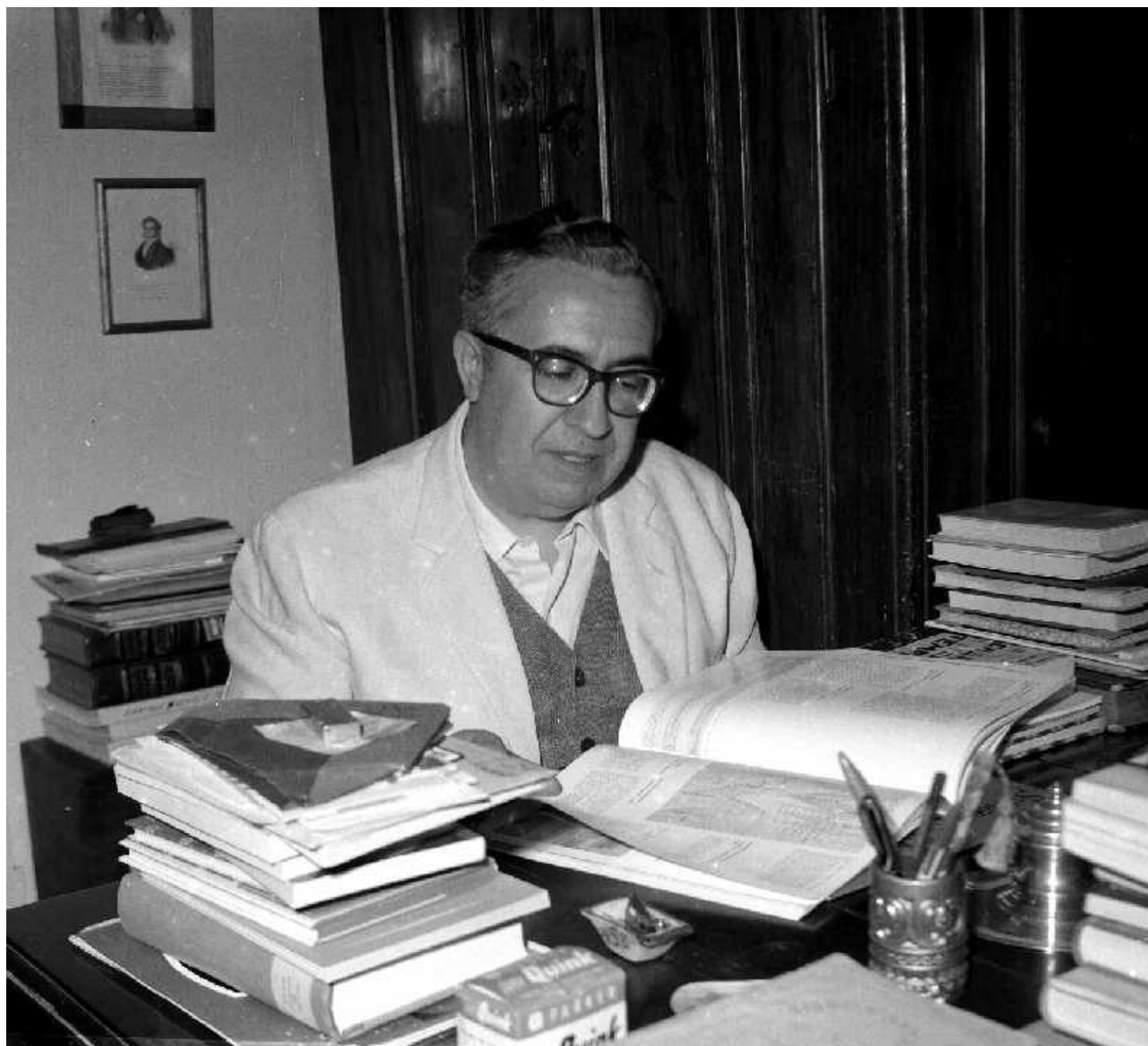


Autor: Coutto

Da série Novos inéditos, um de José Blanc de Portugal.



ESCUTANDO OS VAGIDOS DO FETO.

O Conhecimento –

O conhecimento, o saber, que representa muitas coisas, desde poder à diversão, desde viver bem às realidades paralelas, contendo tudo que há no mundo nesta rubrica, porque nem mesmo poderíamos estar discutindo essa ideia se dela não soubéssemos, se não tivéssemos conhecimento de suas múltiplas implicações, pois que o homem, desde sempre, procurou saber, procurou o saber, inclusive para isso desobedecendo ao próprio Deus.

Pois temos que o saber é poder, o saber nos dá uma profissão, o saber nos diferencia socialmente, o saber nos permite um entendimento da amplitude das coisas que sem ele não teríamos, e em sua existência, de per si, é uma grande cidade com muitos edifícios, como os das diversas ciências, os das diversas artes, os edifícios dos diversos entendimentos e das diversas percepções, manifestos cada um como um universo contido no universo maior do saber lato senso.

Porém o saber se desdobra na sua própria evolução, como na nossa, em três estágios que o estruturam, e nos estruturam, porque ele é em nós como nós somos nele, como Deus, como imponderável que é. Esses três estágios os definiram, no entendimento francês clássico, muito bem: 1º Saber, 2º Saber fazer, 3º Fazer saber (Savoir, Savoir-faire et Faire-savoir) e formam e conformam todo o paradigma da construção do nosso entendimento, bem como do edifício maior, ou da cidade como eu a chamei, do próprio saber, de todo o saber, o saber que não resulta em saber fazer, para, institucionalizando-se, fazer saber, como sua meta final, e, internando-se no processo de sua propagação que, fechando o ciclo, volta a se construir e se ampliar e com isso se reconstruir, nesse eterno círculo que não se extingue em si mesmo, porque não se congratula nesse processo, apesar de se alimentar dele, pois é mais exigente e tem método, e, com isso é abstração, o que prescinde de sua manifestação e existência, atendendo a um nominalismo, com o qual podemos afirmar: “No princípio era o verbo.” Porém esse saber só se realiza no saber fazer, o que carece de empirismo, levando-nos ao realismo para dar corpo as ideias, nos dois sentidos da expressão, espiritual e material. E a discussão dessas duas correntes se anulam e torna-se oca, pelo entendimento da mesma afirmação: “No princípio era o verbo.” Porque, abandonando a abstração e tomando corpo real, é o mesmo verbo que resolve o problema do conhecimento, e nem haveria conhecimento sem o verbo, e esse só se manifesta na inteligência, que é o entendimento lúcido ou como queria Blanc de Portugal: “A inteligência é o saber conhecer...” E esse saber conhecer é ao mesmo tempo alfa e ômega, porque ao mesmo tempo que é objetivo último do processo do saber, conformando um quarto e último estágio na sequência daqueles três que mencionei, é também um estágio precursor dos tais três estágios do saber, porém como os extremos se tocam....

Esclarecedor quanto a esse processo é o poema “Princípio”, que foi anunciado como indo fazer parte das Enéadas, que afinal não integrou, Enéadas, este conjunto de nove novenas em que Blanc de Portugal, tão possuído do nove começa com a palavra Maianga que é um dos nove municípios de Luanda, eis a mística, onde a ignorância local merece o reparo fatal do poeta: “...cidade sem fontes...” que é para indagarmos: Onde se irá beber? E onde não se bebe não há vida... África que cria outra alma no poeta, como o Brasil que ainda outra alma sua, mas vamos ao “Princípio”:

“Tudo era sem nome do que hoje sabemos
Tudo era o que era e não palavras
Signos ou sinais
Não faziam de coisas
A Poesia era e nada mais.

Em tempos que hão-de vir a criação reinava;
a fábrica do mundo resfolegava
E eu
Homem,
Sonhava, dormia e contava (*)
Não escrevendo poemas mas enumerando
Tudo o que era e nada mais.

Vi criar-se o mundo e voltando a hoje
esse futuro é já o meu passado.”

(*) Creio ser cantava e não contava.

A morte –

Temos então que esse “saber conhecer” a que José Blanc de Portugal se refere e nos explica ser “um método de trabalhar para chegar ao saber puro.” completando: “ Não se trata de uma coisa em si, mas antes de um operador.” E o operador é o que promove o processo, princípio e fim, pois conjuga todo o sistema, e o realiza, o manifesta e o conclui. Maravilha das maravilhas, síntese de entendimento, perfeita compreensão, mas que fica sujeita, como tudo, às circunstâncias, e a circunstância central do homem é seu grau de liberdade para entender, porque somos prisioneiros de muitas limitações no processo de entendimento, e entender exige liberdade, liberdade para aceitar, liberdade para se sintonizar, porque todo o processo lida com energias muito finas, as mais difíceis de alcançar, liberdade de se elevar a altura do conhecimento que se vai revelar, e quando se lida com o desconhecido é absolutamente necessário elevação para aceitar o que virá, e não podemos estar presos a um entendimento restrito, a uma percepção restrita, a uma realidade restrita, essa da cidade que todos os dias construímos. Blanc de Portugal nos lembra; “Uns pensam que a vida acaba com a morte; outros consideram que só depois dessa passagem de estado possuirão o conhecimento que procu(r)aram durante toda a vida.” E entre uns e outros reside o mistério, essa componente que nublando as coisas, as esclarece, porque seu esclarecimento reside mesmo em sua ignorância. É como a morte, todos que a conheceram não contam os seus detalhes, ou sua forma de ser. Essa afirmação do poeta revela sua fatal e total fidelidade a esse princípio que é o fim de todas as coisas, pois mesmo nas notas que deixou, porque quiz pôr em palavras os sentimentos que o atravessavam no último dia do ano de 1992, o ano da morte de sua companheira de toda a vida, Helena, a mulher que, sabendo ser maior, soube o aceitar e compreender, com suas inquietações, exasperações e desvios, bem como com sua grandeza, sua calma e sua preguiça, numa totalidade que o poeta soube reconhecer, e diz nesta nota, quatro pedacinhos de papel rabiscados com verdades tão eternas, como uma confissão: ...”
Jamais acreditei em ateus totalmente incrédulos. Tenho a firme certeza de que jamais existiram. Se chamarem aos dois acontecimentos (*a morte da companheira e a estréia da neta*) de que deixo aqui notícia, chamar-lhe-ão, porventura, mera coincidência. Mas como explicam as origens dessa “coincidência”? Lutamos para compreender que não há mal que não contenha bem. Ou, não haveria bem (*e grifa essa palavra*) distinguível se não houvesse o que classificamos de mal (*e grifa também essa última palavra*).” É um entendimento fiel ao “saber conhecer”, porque o aceita de livre vontade, em perfeita sintonia e porque se eleva a altura do conhecimento revelado. Vejamos então sua tradução (através de Shibata) do Sermão sobre o Zen de Tetsugen (1630 – 1682) que são as estrofes 53 e 54 de seu livro assim simplesmente intitulado: “Estrofes”.

“53. Çakia (III)

Fugindo um instante à dualidade eternamente
Do visto e do que não se vê/.../

14. VI. 78

54. Çakia (IV)

Do Universo as aparências transformadas

São olhos:

Céus e Terra manifestam

a Lei Essencial (1)

Se um instante e para sempre abandonamos a dualidade

do visto e do que se vê

O mundo da lei sem limites

É a sabedoria

14. VI. 78

(1) Invisível fundamental “

A Lei Essencial à qual o poeta manteve-se fiel até o fim, o “saber puro” a que se referia, fazendo de sua vida o processo “operador”, por isto afirma na Estrofe 46:

“Não foi completa a libertação
mas um dos ínvios caminhos para ela...
lembrar o ontem é retrogradar...
Acabo de ouvir pela TV
a missa de Coja-Arganil:
Ligo-me a um universo por sua vez
parte do Universo Omnipotente Omnipresente
Bem sei que continuo um campo de ruínas
mas campo de ruínas é Roma eterna
e todas as ruínas são base
do chão que habitamos ou espezinhamos
O teu coração está onde puseste o teu tesouro”...

A vida –

Poderá haver coisa que, ao mesmo tempo seja tão limitadora, porque nos prende à realidade, e seja também mais inebriante, porque nos propões todas questões, que a vida? E depois de falar dos tempos, que anagrama com a fé do momento, sexta novena das Enéadas, pois que todos existimos em momento próprio, segue com “o tempo de trovões distantes” para revelar: “A LUZ IGNORADA”.

” Verde, verde, a paisagem verdemente foge
e o céu pesado alumiado a trovoadas
esconde o sol apaga o fogo e arrefece o sangue.

Macio o tempo de trovões distantes.

Esquece-me, esquece-me ave infanda.

Os navios d’água entram nos portos
abertos no céu a golpes de faísca
e numa luz maior
o negro da pega fatal
bebeu a luz inteira.

Falou:

– Que queres te dê eu que não conheças?

Disse:

– A luz que deixares quando te fores.

[Foto de capa D.R. Ana Maria Portugal \(retrata José Blac de Portugal\)](#)

Data de Publicação: 04-06-2021